

AUTOBIOGRAFIA E FORMAÇÃO HUMANA: REFLETINDO COM GOETHE

André Augusto Diniz Lira
Maria da Conceição Passeggi

Resumo: O objetivo do artigo é identificar processos de formação humana na autobiografia de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) – De minha vida: poesia e verdade – com foco na análise do prefácio à obra em que o autor responde a uma carta de amigos leitores, compreendida como um texto do próprio Goethe, e explicita pontos e contrapontos de sua opção por uma escrita autobiográfica para satisfazer o pedido de seus leitores. O presente estudo, situado no paradigma narrativo-(auto)biográfico, discute quatro dimensões do processo de autobiografização na linha da Bildung: enquanto processo autoral; tomada de consciência no entrecruzamentos com contextos históricos, contatos com pessoas próximas e distantes, assim como com outros autores; explicitação da multiplicidade e de metamorfoses do si mesmo, do ponto de vista sincrônico e diacrônico, na busca de uma articulação entre Poesia (arte) e Verdade (história) como entidades complementares na construção existencial, intelectual de homem público e autor de sua obra literária. A noção de Bildung é fundamental para se entender a autobiografia de Goethe e seus romances de formação (Bildungsroman) como proposta do autor sobre a formação humana.

Palavras-Chave: Autobiografia. Goethe. Formação humana.

AUTOBIOGRAPHY AND HUMAN FORMATION: REFLECTING WITH GOETHE

Abstract: The aim of the article is to identify processes of human formation in the autobiography of Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) – From my life: poetry and truth – focusing on the analysis of the preface to the work in which the author responds to a letter from friend readers, understood as a text by Goethe himself, and explains the points and counterpoints of his choice for an autobiographical writing to satisfy the demand of his readers. This study, situated in the narrative (auto)biographical paradigm, discusses four dimensions of the autobiography process along the lines of Bildung: as an authorial process; awareness in the intersections with historical contexts, contacts with people near and far, as well as with other authors; explicitation of the multiplicity and metamorphoses of oneself, from a synchronic and diachronic point of view, in the search for an articulation between Poetry (art) and Truth (history) as complementary entities in the existential, intellectual construction of a public man and author of his literary work. The notion of Bildung is fundamental to understanding Goethe's autobiography and his formation novels (Bildungsroman) as the author's proposal on human formation.

Keywords: Autobiography. Goethe. Human formation.

Primeiras aproximações

Na constituição e expansão do movimento biográfico, tornou-se importante estabelecer aproximações e distinções entre a *autobiografia*, enquanto gênero literário, consagrado em Literatura e objeto de estudo de diversos campos disciplinares, e a narrativa autobiográfica, enquanto gênero discursivo mais abrangente, elaborado, oralmente ou por escrito, por qualquer pessoa, independentemente de sua idade, status social, nos mais diversos contextos, sob as mais diversas demandas e em geral sem fins de publicação. O interesse das autobiografias e narrativas autobiográficas para a pesquisa (auto)biográfica é o entrelaçamento do eu (auto) com a vida (bios) e as dimensões estéticas, genealógicas, afetivo-emocionais e contextuais que perpassam a narrativa (grafia) como modo de construção da realidade e de si mesmo.

Ao longo das últimas quatro décadas, vários enfoques nas ciências humanas e sociais se alinharam à perspectiva das abordagens biográficas em educação, consolidando o *paradigma narrativo-(auto)biográfico* em oposição a paradigmas a-históricos e a-biográficos. Ao sistematizar essas abordagens, Passeggi (2020) destaca aquelas que mais contribuíram para o desenvolvimento de pesquisas educacionais nessa área no Brasil: a das *histórias de vida em formação*, sintetizada por Pineau e Le Grand (2012) e a primeira a inspirar as pesquisas sobre a formação docente nessa perspectiva no país, no início dos anos 1990; a da *pesquisa biográfica em educação*, proposta por Delory-Momberger (2014) e a da *pesquisa (auto)biográfica*, denominação que se impõe no Brasil a partir de 2004, e que segundo Passeggi e Souza (2017) virá ampliar e diversificar os objetos de estudo, congregando no interior do movimento biográfico diversos eixos de pesquisa. O pressuposto comum dessas abordagens é a da reflexividade narrativa que se operacionaliza ao longo da narração, oferecendo possibilidades para a pessoa que narra de ressignificar a experiência vivida e a própria representação de si numa perspectiva emancipatória. Pressuposto que sustenta do ponto de vista ético o uso dessas abordagens como método de pesquisa e prática de formação.

As autobiografias literárias foram utilizadas nas pesquisas pioneiras do Grupo de Estudos Docência Memória e Gênero (GEDOMGE-FEUSP) na formação continuada de professores, inspiradas nas *histórias de vida em formação*, na década de 1990. Na perspectiva da *pesquisa biográfica em educação*, Christine Delory-Momberger (2008, 2014) considera as contribuições das autobiografias literárias no desenvolvimento das noções de *biografização* e de *heterobiografização*, aprendizagens que se fazem respectivamente na ação de narrar a própria vida e naquela de ler e/ou escutar narrativas de outrem. No âmbito da pesquisa (auto)biográfica, destaca-se um conjunto de trabalhos sobre autobiografias literárias nos processos de formação e como fonte de pesquisa, conforme evidencia um dos eixos do Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA) em suas publicações. Nessa direção, Lira e Passeggi, M. (2020) analisaram em uma publicação recente a dinâmica do “tornar-se escritor” nas autobiografias de Manuel Bandeira (1886-1968), Lêdo Ivo (1924-2012) e Ferreira Gullar (1930-2016). O presente artigo dá continuidade a essa caminhada na fronteira entre Literatura e Educação na perspectiva das abordagens (auto)biográficas que permitem interrogar a existencialidade, a singularidade de autore(a)-escritor(a)es e princípios de (inter)subjetividade que vinculam quem narra à pessoa que lê.

Diante da quase inexistência de pesquisas sobre a obra de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) nas abordagens biográficas no Brasil, o objetivo do presente artigo é contribuir para uma maior visibilidade dos aportes do autor para estudos e pesquisas sobre narrativas de formação, focalizando a obra autobiográfica de Goethe – *De minha vida: poesia e verdade* (2017a) – em que o autor trata essencialmente de sua formação intelectual, existencial, literária e de sua vida como homem público. Convém lembrar que as novas traduções de escritos autobiográficos de Goethe no Brasil, pela Editora da UNESP, têm renovado o interesse por sua obra e suas interpretações, o que se comprova nas apresentações, prefácios, notas de tradutores e de comentaristas.

O artigo centra-se no prefácio à sua autobiografia, composto de dois tipos de escrita, a transcrição de uma carta enviada por um amigo-leitor a pedido de outros leitores de sua obra e a resposta de Goethe à carta, em que

ele estabelece pontos e contrapontos do que lhe pedido e explicita sua opção por uma escrita autobiográfica. O prefácio é o ponto de partida para incursões em sua autobiografia e outras obras do autor permitirão dar sustentação às análises.

O artigo aborda em primeiro lugar as noções de autobiografização e heterobiografização como fio condutor da carta e da resposta de Goethe. O que será objeto de análise no subitem seguinte enquanto injunção biográfica e a justificativa de Goethe de sua opção autobiográficas. Os subitens seguintes abordam quatro dimensões da formação que se evidenciam no processo de autobiografização, em Goethe, na linha da *Bildung*, quais sejam: enquanto processo autoral; tomada de consciência do entrecruzamentos com contextos históricos, explicitação da multiplicidade e metamorfoses do si mesmo na busca de uma articulação entre arte poética (Poesia) e historicidade (Verdade) enquanto formas inseparáveis da *Bildung*, compreendida como um caminhar para a formação e o desenvolvimento pessoal e humano.

Autobiografização e heterobiografização: duas direções em convergência

Foi assim que comecei a seguir aquele rumo do qual nunca mais consegui me afastar ao longo da minha vida: transformava em imagem, em poema tudo aquilo que me alegrasse e me atormentasse, ou que me ocupasse de algum modo. E, fazendo isso, resolvia as questões comigo mesmo, ora me obrigando a reformular minha compreensão do mundo, ora fazendo sossegar em mim minhas tantas inquietações. [...] Portanto, todas as coisas que dei a público não são mais que fragmentos de uma grande confissão. E este livrinho, aqui, não passa de uma tentativa ousada de complementá-la.

Johann Wolfgang von Goethe (2017a, p. 343).

Na epígrafe acima, Goethe se refere à sua autobiografia como “fragmentos de uma grande confissão” sobre o rumo que ele tomou e do qual nunca conseguiu se afastar: transformar em imagem ou poema o que ocupava sua mente para ressignificar sua “compreensão do mundo”. No excerto, ele sintetiza o processo de autobiografização em que o foco é seu percurso como autor que transformava em arte (Poesia) o que ocupava de algum modo sua

mente, seja para reformular sua compreensão do mundo, seja para dar sossego às suas inquietações. Em suma, escrevia para se compreender e compreender o mundo.

Para Kaufmann (2002), a obra de Goethe se notabiliza por suas contribuições para a compreensão da mente humana, particularmente, do ponto de vista das (trans)formações sofridas ao longo da vida, oferecendo pista sobre os modos como o autor interpretava a constituição de si mesmo e a historicidade de sua consciência. Não é sem razão, que o romance – *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* – publicado entre 1795-1796, em oito volumes, é primordial para as abordagens biográficas, uma vez que ele dá origem a um novo gênero literário, o *Bildungsroman* ou romance de formação, cuja intriga são as aventuras de Wilhelm Meister, marcadas por provações, superações e autodescobertas desde a juventude até o limiar da maturidade. Trata-se, em suma, da caminhada do protagonista para “se tornar” um homem público num cenário em que convivem aristocratas e burgueses na Alemanha do final do século XVIII. Para muitos, essa obra é a maior contribuição da literatura alemã que emerge no alvorecer do século do XIX e servirá de matriz para os romances do gênero, cujo propósito é a formação do leitor mediada pela formação do protagonista, o que Delory-Momberger (2019) denominará de heterobiografização, conceito criado para dar conta dos efeitos de compreensão e de formação de si mesmo pela leitura ou escuta da experiência alheia da qual a pessoa que lê se apropria como se fosse sua.

Autobiografização e heterobiografização convergem, portanto, para um ponto comum: a formação de quem narra a experiência vivida e de quem lê a experiência narrada por outrem, respectivamente. No primeiro caso, a reflexão se faz sobre a própria experiência no ato de narrar, no segundo, pela mediação da narrativa contada por alguém. Nos dois casos, a obra autobiográfica de Goethe e o romance de formação por ele criado são protótipos para a compreensão da formação humana mediante as narrativas.

Goethe escrevia com o tempo de refletir sobre a totalidade do assunto abordado. Levou cerca de doze anos para finalizar “Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister”. Quanto à sua autobiografia, pode se estimar que ocupou as últimas décadas de sua vida e deveria compreender quatro partes, mas apenas três delas foram publicadas durante sua vida – 1811,

1812, 1814. A última parte (IV) foi publicada postumamente em 1833. Segundo Galle (2019), o projeto autobiográfico incluía *Viagem à Itália* (1813 e 1817); *O Cerco de Mainz* (1822); *A Campanha na França* (1822); os *Tag – und Jahrs-Heft* (1830) – Cadernos diários e anuários. Soma-se a essa lista, o livro de Johann Peter Eckermann (2016) – *Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida* – que como o próprio título indica se trata de um diálogo entre Eckermann e Goethe por iniciativa de Goethe na construção de sua imagem pública. Como mencionado anteriormente, o foco do artigo são os escritos autobiográficos do autor. O propósito é focalizar sua própria formação por ele examinada no processo de autobiografização, mas também a formação do leitor pela mediação de seus escritos autobiográficos.

O pedido de amigos-leitores: injunção à biografia

Nas primeiras páginas de sua autobiografia, Goethe (2017) explica que a iniciativa, “sempre tão arriscada”, de escrever sobre si mesmo, lhe era ensejada pela carta de um amigo-leitor, transcrita na duas primeiras páginas na íntegra, que em nome de um grupo de leitores de sua obra, formaliza o pedido de um novo escrito, que permitisse ao autor “continuar a contribuir com a formação de todos aqueles que, ao longo de suas vidas, desenvolveram-se cultural e intelectualmente junto com o artista e por sua influência” (p. 22). Nesse pedido, se evidencia a importância da noção de heterobiografização para compreender o processo de se formar junto com o escritor e mediante a influência de seus escritos. A noção de formação na perspectiva da *Bildung*, implica reelaborações e transformações do que se sabe e do que se viveu ao longo da vida. De acordo com Mazzari (2020), por formação (*Bildung*) se deve entender não apenas a aquisição de novos conhecimentos, mas sobretudo a possibilidade de “redimensionar o já sabido, passar em revista, criticamente as opiniões, os juízos e ‘pré-juízo’, conceitos e ‘pré-conceitos’” (p. 26), se mantendo aberto a contínuas transformações. É o que afirma Goethe (2017) na epígrafe já citada. Ao transformar em poema o que lhe tirava o sossego, “resolvia as questões comigo mesmo, ora me obrigando a reformular minha compreensão do mundo, ora fazendo sossegar em mim minhas tantas inquietações” (p. 343).

Siljander e Sutinen (2012) se alinham a dois direcionamentos da noção de *Bildung* na história do conceito. Aquela que enfatiza o processo criativo e proativo da pessoa no seu próprio desenvolvimento e a que considera a formação como busca de uma vida mais elevada. Nas duas perspectivas, a *bildung* não se daria de forma isolada, ela requer a *erziehung* ou educação. Ou seja, há uma disposição do humano para se formar, se elevar acima do que a cultura lhe oferece, mas para tanto precisa se educar a favor ou contra seu ambiente cultural. O que os amigos-leitores pedem ao autor apoia-se nesse duplo direcionamento da *Bildung* que entrecruza a *educação*, que provem de alguém mais sábio, por seu exemplo ou por seus conselhos, e a *formação* que cada um constrói enquanto agente de seu próprio desenvolvimento.

A carta parte do seguinte problema: se a leitura de suas obras, ao longo dos anos, havia propiciado a formação do grupo de amigos-leitores, a publicação recente de suas obras completas colocava obstáculos à continuidade dessa formação por evidenciar uma certa falta de harmonia no todo, o que havia suscitado incompreensões e dúvidas como expresso na carta: “esses trabalhos não parecem apresentar-se como partes de um só conjunto; e em um caso ou outro, mal podemos tomá-los como uma obra de um mesmo autor” (p. 21-22). Por essa razão, apenas o autor poderia iluminar pontos incompreensíveis para seus motivados leitores. O direcionamento dado para a escrita do texto é o seguinte:

[...] que nos apresente suas obras – organizadas, na nova edição, conforme relações internas – em uma sequência cronológica, confiando-nos de maneira contextualizada, tanto as circunstâncias e os humores que lhes deram origem quanto os exemplos que mais teriam influenciado, sem deixar de mencionar os princípios teóricos envolvidos (ib., p. 21-22).

O pedido permite inferir que os leitores concebem como postulado a unicidade da obra de um autor pela coerência do conjunto, de modo que na ausência dessa coerência seria necessário explicitar princípios teóricos subjacentes à diversidade da obra. A carta revela cobranças pleiteadas por pessoas de seu círculo de amizade como era o caso Schiller, que muitas vezes

perdera a esperança que Goethe concluísse *Fausto* devido as lacunas e contradições internas em sua escrita (cf. JAEGER, 2019). No entanto, na opinião de Goethe, as demandas delineadas na carta exigiam o trabalho de um biógrafo:

Pois esta parece ser a principal tarefa da biografia: apresentar o homem no contexto das relações do seu tempo, mostrar o quanto ele a elas resiste e o quanto delas se beneficia; de modo que, a partir delas constrói sua visão do mundo e do homem, e de que modo elas impactam em sua condição de artista, poeta e escritor (GOETHE, 2017a, p. 23).

De modo que a resposta de Goethe à tal injunção biográfica é a escrita de sua autobiografia, em que ele dirá como se tornou quem é, portanto, na dupla linha da *Bildung*. O título e o subtítulo de sua autobiografia – *De minha vida: poesia e verdade* – sintetizam esse percurso anunciado no prefácio e explicitado ao longo do livro.

Resposta de Goethe ao pedido de leitores: opção pela escrita autobiográfica

As reações de Goethe (2017 a) à carta de seus amigos-leitores evoluem ao longo da reflexão conduzida nas primeiras páginas de sua obra. Inicialmente, o autor aceita a proposta sob o argumento de que o pedido se deve ao interesse e gentileza de seus leitores: “senti-me inclinado a atender imediatamente a esse pedido” (p. 22). No entanto, os amigos parecem não considerar contraposições relativas às circunstância da criação das obras da juventude em que geralmente “enveredamos apaixonadamente pelos próprios caminhos” (p. 22) e as que se seguem ao longo do amadurecimento intelectual e artístico do autor. Na opinião dos leitores é justamente em relação ao privilégio de o autor ter mantido um olhar ainda mais desenvolvido na maturidade que ele pode atender aos interesses dos que lhes dedicam tanta afeição. Na sequência, Goethe explicita obstáculos ao pedido. Ao tentar reavivar na memória as circunstâncias de tantos escritos o trabalho vai se “revelando cada vez mais penoso” (p. 23), por um lado, pela necessidade de preencher as lacunas com explicações mais detalhadas de processos teóricos e

práticos de criação autoral e, por outro lado, porque ao se centrar nessa tarefa, reduziria a possibilidade de narrar sua “vida privada e abrir-[se] para o mundo” (p. 23), incluindo às múltiplas influências das pessoas e do contexto histórico em sua vida e às “enormes mudanças no curso político da vida em geral que tiveram grande impacto sobre mim e a grande massa de meus contemporâneos” (*ib.*). Por fim, a exigência de buscar uma coerência era algo quase impossível de alcançar: “que o indivíduo conheça a si mesmo e a seu século, mantendo-se sempre o mesmo”, pois o tempo acaba arrastando-o “consigo definindo-o e formando-o” de tal modo que cada geração se diferencia da precedente sob a influência de seu tempo. Diante da impossível tarefa, decide por contar sua própria vida considerando que poderá resultar proveitosa sua leitura por sua “abordagem algo poética, algo histórica” (p. 24), em detrimento da injunção biográfica proposta na carta.

Na epígrafe já mencionada, Goethe (2017a), por puro eufemismo, se refere à sua autobiografia como um “livrinho”, uma obra de quase mil páginas: “E este livrinho, aqui, não passa de uma tentativa ousada [...]”. No mesmo excerto, o autor se refere a uma demanda de narrativa, ou de uma história em busca de um autor, que transforma “em imagem, em poema tudo aquilo” que o alegra ou, ao contrário, o atormenta, transfigurando em palavras sua compreensão sempre provisória do mundo de modo a fazer “sossegar [em si] tantas inquietações” (p. 343).

O processo de autobiografização, em *De minha vida: poesia e verdade*, será aqui considerado sob quatro enfoques interrelacionados, mas apresentados separadamente para fins didáticos. Na linha da *bildung*, a autobiografização se desdobra: a) na construção de si; b) na tomada de consciência de influências de pessoas próximas e distantes, incluindo autores, e de contextos históricos em movimento; c) na autocompreensão da multiplicidade constitutiva do humano e de metamorfoses provocadas no tempo e pelo tempo, do ponto de vista sincrônico e diacrônico; d) na busca da articulação entre Poesia (arte, estética, emoção) e Verdade (história, razão, consciência) que o autor anuncia no subtítulo da obra, e que está presente tanto em sua resposta à carta quanto em toda obra. O movimento de autobiografização que o autor coloca em marcha, atende a necessidade

primeira de autocompreensão, disso resultam os quatro desdobramentos explicitados nos subitens a seguir.

A autobiografização como construção da autonomia do si mesmo

Conforme mencionado anteriormente, entre os aspectos relacionados ao processo da criação autoral, Goethe destaca a impossibilidade de responder à carta em função de obstáculos relacionados a: a) lacunas de sua memória referentes a trabalhos já publicados; b) mudanças substanciais, ao longo do processo de escrita, resultando em produtos finais diferentes do que propunha inicialmente; c) textos que não chegaram a se completar; d) obras compostas em outras artes além da literária, em outras ciências e que foram realizadas sozinho ou em parceria.

No que concerne à argumentação de Goethe quanto às lacunas da memória ela contradiz ao seu hábito de refletir, datar e melhorar suas obras, sistematicamente, algumas vezes ao longo de décadas. No final de sua vida, ele próprio aconselhara a Eckermann (2016) que datasse suas próprias produções textuais, assim como ele o fazia, para que pudesse sempre refazer o itinerário da composição da obra e da caminhada que teria percorrido nessa construção. No entanto, Goethe omite esse detalhe no prefácio à sua autobiografia uma vez que ele contraria sua argumentação. A favor de sua argumentação, contaria o fato de ser um autor com mais de uma centena de obras, algumas delas retomadas inúmeras vezes, o que pode justificar a razão pela qual a demanda de detalhar processos para o conjunto de sua obra lhe pareça inviável.

A autobiografia era, portanto, a melhor opção para (re)fazer um percurso possível em contraposição à inumeráveis traçados menores, visando fazer conhecidas as gêneses de suas obras, sobretudo daquelas que por destoar das mais canônicas permitiam supor um outro autor. Inclusive pela abrangência e diversidade de objetos de conhecimento não literários que estudou ao longo da vida e que fazem parte de suas obras completas.

Quando Goethe remete as dificuldades do processo de escrita, tal como havia sido proposto na injunção biográfica, para daí decidir por um caminho mais promissor, apresentando suas memórias sob a forma de uma

autobiografia, está delineando para si e para os leitores um meio mais formativo (*Bildung*) do que uma apresentação genealógica ou explicativa de suas obras completas. Conforme já mencionado, em sua ótica, satisfazer a tal demanda nos moldes solicitado era tarefa de um biógrafo, para Goethe um texto que pudesse servir à formação (*Bildung*) de seus amigos-leitores, seria produzido por um processo de autobiografização porque iria suscitar outras interrogações e aprendizagem mediada por sua caminhada formativa. É nesse sentido que a noção de *Bildung* compreende as dimensões de agentividade e de reflexividade narrativa sob a forma de retrospecto e prospecção face a objetos do conhecimento inseridos num contexto histórico. Isso se processa ao longo do tempo, num cultivar-se, num reelaborar-se que pressupõe a ressignificação do mundo e de si mesmo.

Biografar-se é um *criar-se* e um *recriar-se* na tarefa de atribuir significados ao percurso da vida e no decurso da escrita, sob um direcionamento próprio, que se desdobra como uma aposta emancipatória do si mesmo. Para Koselleck (2020), a *Bildung* “não é uma forma a ser preenchida conforme um *modelo prévio*, mas antes um estado processual que, por meio da reflexividade, se transforma contínua e ativamente. *Bildung* é tanto o processo de geração quanto o produto gerado” (p. 129, grifo nosso).

A escrita de uma autobiografia é uma obra de edificação e de reconstrução, permitindo dela depreender e nela forjar o sentido de uma vida, conforme sinalizam Gusdorf (1991), Bruner (1997) e Passeggi (2021). Autobiografar é transformar o si mesmo em objeto de reflexão e de conhecimento como uma recapitulação das etapas da vida, conforme afirma Gusdorf (1991), trata-se de “uma segunda leitura da experiência, e mais verdadeira que a primeira, posto que é tomada de consciência, pois na imediatez do vivido me envolve geralmente o dinamismo da situação, impedindo-me de ver o todo” (p. 9). A tomada de consciência como processo formativo no qual se fundamenta o paradigma narrativo-(auto)biográfico é o que se destaca na obra inspiradora de Goethe como contribuição relevante para a perspectiva epistemológica aqui adotada.

Autoconsciência de entrelaçamentos constitutivos do si mesmo

Em sua autobiografia, Goethe faz referência a pessoas conhecidas e desconhecidas da crítica literária que influenciaram seu pensamento, seja por identificação, seja por oposição a elas. Essas relações com os outros também se dirige a escritores e a suas obras mais conhecidas, de Homero a Espinosa, incluindo amigos como Herder e Schiller. Goethe destaca as influências recebidas, por exemplo, de Herder e de Espinosa como seres contrastantes. Herder, crítico literário, o confrontava constantemente, provocando mudanças consideradas por ele como substanciais para sua compreensão da literatura alemã.

Ele [Herder] havia arrancado a cortina que antes escondia de mim a pobreza da literatura alemã. Ele havia destruído brutalmente vários de meus preconceitos e ilusões – no céu da pátria não restaram mais que alguns astros significativos, já que ele tratava os restantes senão como estrelas cadentes e efêmeras (GOETHE, 2017a, p. 543).

As batalhas travadas com Herder no campo intelectual terminavam por desestabilizá-lo, repercutindo em seus sentimentos e atitudes referentes a objetos do conhecimento e, portanto, sobre ele mesmo. Já Espinosa, contrariamente a Herder, por meio de sua escrita lhe trazia paz: “parecia tudo apaziguar, contrastava com a minha afobação habitual, que só resultava em agitação; assim como seu método matemático fazia contraponto com minha sensibilidade e meu tino poético” (GOETHE, 2017a, p. 752). Espinosa era para ele um ser distinto e complementar, cuja existência lhe era necessária à sua própria formação.

No processo de autobiografização, Goethe traz contribuições importantes para uma teoria do sujeito nas abordagens (auto)biográficas ao descrever como vai se constituindo ao longo de sua vida como *um eu autoral*, *existencial*, *intelectual* e como *homem público*, como vai se formando, se educando com o outro e em relação aos outros. Nesse sentido, também contribui para o estudo dos processos de heterobiografização. A *bildung* aqui se evidencia: “como caminho rumo ao aprimoramento, resume a trajetória que o Si-mesmo trilha quando parte em busca do Outro para retornar a si

mesmo modificado pelo encontro”, como sugere Azenha Júnior (2006, p. 51). Nesse mesmo sentido, a compreensão, em Dilthey, seria:

um reencontro do eu no tu; o espírito encontra-se em níveis cada vez mais elevados da conexão; essa mesmidade do espírito do eu, no tu, em cada sujeito de uma comunidade, em todo o sistema da cultura, por fim na totalidade do espírito e da história universal, torna possível a atuação conjunta das diversas capacidades humanas (DILTHEY, 2010, p. 168).

Quanto aos aspectos históricos e culturais que o influenciaram, Goethe (2017) destaca a impossibilidade de cumprir integralmente a solicitação da carta, o que só seria possível se o indivíduo se mantivesse “sempre o mesmo em todas as circunstâncias” (p. 23). O contexto opera sobre essas transformações de modo que os nascidos dez anos antes ou depois vivenciariam processos históricos que provocam diferentes modos de apreensão da realidade. Essa relação com contextos históricos em movimento também incide sobre cada indivíduo e a constituição múltipla do si mesmo que se transforma arrastado pelo tempo continuamente.

Autobiografização: multiplicidade e metamorfoses do eu

Goethe (2017) destaca no prefácio em questão que o conhecimento do contexto histórico numa visão ampla (“seu século”) é impossível para o sujeito que nele se encontra imerso. Por sua vez, o autoconhecimento se assenta no postulado segundo o qual os indivíduos se constituem historicamente e com suas metamorfoses. Contrariamente à dinamicidade dessa perspectiva, a dúvida que enseja a demanda de seus amigos-leitores é justamente a de compreender essa ruptura com uma pretensa unicidade e que se faz notar no conjunto de seus escritos: “mal podemos tomá-los como uma obra de um mesmo autor” (p. 21-22).

Jaeger (2019), ao estudar as anotações de Goethe no processo de escrita do *Fausto*, sublinha que havia uma observação da parte do autor para se desviar de possíveis unificações a fim de produzir as ideias mais disparatas possíveis. Ainda segundo Jaeger, (2019) no seu livro *Viagem à Roma*, Goethe

teria construído uma verdadeira “oficina de falsificação” (p. 280). O propósito de se desviar de unificações também está por trás de sua autobiografia como “fragmentos de uma grande confissão”. Esses fragmentos esparsos por toda a sua obra não emergem de forma aleatória, ao contrário, eles podem ser compreendidos como intencionais enquanto rastros fragmentários, inconclusos, abertos a suas tentativas de autocompreensão, movido por seus múltiplos ‘eus’ tanto numa perspectiva diacrônica, histórica, as metamorfoses que se realizam ao longo de sua vida, de seus dias, de seus momentos, quanto numa perspectiva sincrônica, que congrega esses múltiplos eus, simultaneamente, aqui e agora.

É esclarecedora a noção de *identidade narrativa* concebida por Ricoeur (1997), no final do terceiro tomo de *Tempo e narrativa*. Esse autor explica do ponto de vista teórico o que Goethe (2017 a) experimenta e procura explicitar para seus amigos-leitores em sua autobiografia. Para Ricoeur (2012), a *identidade narrativa* é uma forma de identidade mediada pela narrativa que o humano constitui para si mesmo ao se voltar para si. Noção que permite superar a antinomia entre a identidade compreendida como *um mesmo* (*idem*), que se mantém inalterável e uma identidade compreendida como *um si mesmo* (*ipse*) dinâmico, mutável. A *ipseidade* supera essa antinomia “na medida em que se baseia numa estrutura temporal conforme ao modelo de uma identidade dinâmica oriunda da composição poética de um texto narrativo” (p. 425). É na perspectiva de um *si mesmo* (*ipse*) histórico, movente, que Goethe, no processo de autobiografização, dá conta das próprias metamorfoses decorrentes de suas relações com a cultura, no exame de suas próprias experiências, de suas relações com o outro e com a natureza.

Nessa direção, Hesse (2008) tece os seguintes comentários com base no *Fausto* de Goethe:

Em seu longo processo de elaboração, [Fausto] congrega as várias transformações pelas quais passou o poeta em sua longa vida: os vários períodos literários da época – Ilustração, Sturm und Drang, Classicismo, Romantismo – ; as diversas atividades do poeta junto ao estado, no meio teatral, seus interesses científicos – botânica, mineralogia, estudo das cores – ; seus estudos filosóficos

– teologia, teosofia, escritos mágico-místicos –, além dos conhecimentos da mitologia antiga (HESSE, 2008, p. 57).

Em *Viagem à Roma*, Goethe (2017b) considera que seu crescimento e (trans)formações se devem à experiência vivida nas suas relações com as culturas locais, o que lhe permite afirmar: “É preciso nascer novamente, de modo que olhemos para nossas antigas ideias e concepções como se olhássemos para sapatos de criança” (p. 17), que já não cabem mais as transformações sofridas ao longo da vida. A importância da comparação é também permitir o reconhecimento dos vínculos entre o hoje e o ontem no processo do *tornar-se*. A reflexividade narrativa nesse processo serve de mediação para transfigurar a experiência vivida em experiência narrada, como lembra Passeggi (2021).

Do ponto de vista sincrônico, o sujeito também não é um ser unitário, um *eu* monolítico, pois ele abarca o si mesmo em todos os seus estados, simultaneamente. Para Goethe (2017a), “Todas as pessoas trazem em si o espírito da contradição e do paradoxo” (p. 421). Para Bruner (1997), é na escrita autobiográfica que se operacionaliza a emergência de *selves* narrativamente construídos e que o autor denomina de *selves* alternativos, *selves* múltiplos, *selves* possíveis (p. 201). Compatibilizar, compreender, definir o *self* em processo de transformação, de forma autônoma e comprometida, seria para Bruner (2014) “um número de um equilibrista”. Brown (2014) estudou, como fez Hesse (2008), os vários *selves* de Goethe, seu *self* teatral ou dramático, seu *self* científico e seu *self* narrativo. Essas “alegorias da identidade”, como denomina Brown (*op. cit.*), foram moldadas ao longo da vida de Goethe que viveu contextos históricos de profunda mutação e que se refletem em sua obra. Esses *eus* confluentes, divergentes, em desenvolvimento eram para sua época interpretações incomuns, assim como a ideia de confluência do passado e do presente, o que gerava incompreensões, como demonstra o pedido da carta de seus amigos-leitores.

Dois outros aspectos se sobressaem no processo de autobiografização de Goethe, por um lado, a diversidade cultural que o habitava e, por outro lado, sua preocupação com a educação do povo. No que concerne à diversidade cultural no universo criado por Goethe, o autor

incorporou à sua obra, de forma dinâmica, contradições e paradoxos culturais. Entre as suas referências se encontra o pensamento de Gottfried Arnold (1666-1714), e seu livro *História das Igrejas e das Heresias*. Goethe (2017 a) destaca sua admiração pelo autor, sublinhando sua identificação com ele: “Sua base era neoplatônica, mas o hermetismo, o misticismo e a cabala também davam sua contribuição para o mundo bastante particular que inventei” (p. 421).

Quanto à sua visão de educação, em diálogo com Eckermann (2016), Goethe afirma que ele teria dedicado toda sua vida ao povo e à educação do povo por meio de seus escritos. E em consonância com sua atividade política, ele considera que se envolveu na administração da cultura e da educação de Weimar, ainda que, em sua época e em séculos subsequentes tenha sido recorrentemente demonstrado que o autor era avesso às mudanças que ocorriam na Europa e que ele teria se mantido alheio às necessidades sociais do povo, adotando uma postura classista, reacionária e até mesmo esquiva, como sinalizado por Carpeaux (2013), Walter Benjamin (2018) e Thomas Mann (2012).

Essa contradição entre a interpretação de Goethe e a interpretação de seus críticos, a propósito de sua postura, abre outros horizontes para se considerar aspectos relevantes e até coercitivos da apresentação de si em um gênero literário, como é o caso da autobiografia, destinada a um grande público, sobretudo, quando se trata de um autor celebrado e respeitado como Goethe ao empreender essa tarefa “sempre tão arriscada”. Bruner (1997, 2014) considera que ao narrar suas vidas as pessoas não apenas contam uma história, mas justificam para elas próprias e para os outros as razões que as levaram a pensar o que pensaram, a fazer o que fizeram e nesse processo elas “fabricam” narrativamente seus próprios “eus”.

Afinal, o que considerar? A interpretação de Goethe ou a interpretação de seus críticos? Na perspectiva da pesquisa (auto)biográfica e de sua aposta epistemopolítica, a autobiografização é considerada do ponto de vista ético como um processo emancipatório da pessoa que narra, pois admite que embora ela não possa mudar os acontecimentos vividos, ela pode mudar sua interpretação e o sentido que atribui aos fatos, o que valora e/ou o que rejeita. É por essa atividade hermenêutica e de distanciamento dos fatos que a

bildung se realiza, ao articular o pessoal e a materialidade histórica dos contextos sociais historicamente constituídos para se elevar acima da imediatez do vivido pela efemeridade do que foi narrado. Não se trata jamais de buscar uma verdade ontológica, mas que o ato de narrar sirva primeiramente a quem narra. E voltando mais uma vez o olhar para a epígrafe de Goethe (2017a, p. 343), é justamente assim que o autor compreende o mundo e se compreende ao narrar, quando afirma que “fazendo isso, resolvia as questões comigo mesmo, ora me obrigando a reformular minha compreensão do mundo, ora fazendo sossegar em mim minhas tantas inquietações”.

Autobiografização: entre verdade e poesia

No final do prefácio, Goethe sinaliza uma justificativa para o subtítulo da obra, “Poesia e verdade”, fazendo alusão a uma abordagem “algo de poética, algo de histórica”, e, como mencionado anteriormente, servirá de norte à sua escrita autobiográfica. Por poesia, se infere sua dimensão estética, artística, emocional, criativa, imaginária, ficcional. Por verdade, se infere o histórico, a materialidade dos fatos dos contextos sociais e culturais, das pessoas e personalidades com quem conviveu, a quem se opôs ou serviu de parâmetro ao longo do percurso de sua longa e excepcional trajetória.

Em suas conversações com Eckermann (2016, p. 470), Goethe esclarece que ele buscava uma “verdade mais elevada”. O subtítulo da autobiografia indicaria “elevadas tendências” da obra, por se colocar “acima de uma verdade rasteira”. Depois de criticar uma perspectiva muito fechada sobre a verdade, inclusive a dificuldade de seus compatriotas para perceber nuances da realidade, arremata Goethe: “Um fato de nossa vida não tem seu valor só por ser verdadeiro, mas sim porque tem algum significado” (*op. cit.*, p. 471). Para Goethe, o valor de sua autobiografia estava nos efeitos ou resultados advindos dos eventos narrados, que deviam servir apenas para confirmar uma observação geral, uma verdade mais elevada.

Essas relações entre “verdades mais elevadas” e seus efeitos, considerando-se os seus significados na trajetória de cada pessoa, são cruciais para o entendimento das narrativas de si no contexto das histórias de vida em

formação. Josso (2004), por exemplo, denominou de experiências formadoras aquelas que exerceriam um poder transformador na vida de quem narra. O que não se distancia da reflexão de Goethe que se situa para além da dimensão experiencial-pessoal-formadora, pois o foco é que princípios mais elevados poderiam ser percebidos a partir do movimento de reflexividade narrativa da qual se extraem lições sobre si mesmo e sobre o mundo, conforme discute Passeggi (2011).

A autobiografia de Goethe tem sido objeto de estudo quanto à sua referencialidade e à ficcionalidade. A referencialidade pode se verificar nas pessoas, eventos, fatos e lugares mencionados na obra. A ficcionalidade, por sua vez, pode ser observada nas urdiduras, na tessitura da trama, no entrecruzamentos entre vida e obra, descrição de detalhes de eventos e encontros pessoais ocorridos e lembrados muitas décadas depois. A esse propósito, Galle (2019) conclui que seria pouco rentável do ponto de vista da análise adotar uma perspectiva dicotômica, entre referencialidade e ficcionalidade.

Do ponto de vista de quem lê a autobiografia de Goethe, vale salientar que a leitura permite adentrar num reino de imaginação, por envolver leitores e leitoras em suas tramas tal como acontece na leitura de romances do autor. Depois de longos percursos de leituras, posto que são necessárias várias incursões nessa densa obra de quase 1000 páginas, é que se percebe que se trata de uma autobiografia. Em várias ocasiões, o encantamento da escrita sobre amores buscados, correspondidos, abandonados, em cidades onde o passado se encontra com o futuro, na opulência da arquitetura e da política, nos encontros com amigos, pensadores, escritores e gente do campo.

Goethe é um autor fundamental para a compreensão da autobiografia como um gênero textual literário, mais complexo do que a simples rememoração de fatos, por ultrapassar a antinomia entre *verdade factual versus ficção imaginária*. Como se pode depreender da obra do autor e da de autores subsequentes, que nele se ancoram, a escrita autobiográfica estaria para além de um jogo no qual várias noções contrapostas entrariam em cena: verdade x fantasia, verdade x mentira, verdade x ilusão, verdade x falsidade.

De acordo com Lejeune (2014), toda autobiografia evidenciaria um pacto autobiográfico do autor com seus leitores na perspectiva de apresentar um relato autêntico da própria vida. Por outro lado, o *pacto romanescos* se distinguiria por se tratar de uma prática de *não identidade* entre o autor e a personagem e pelo *atestado de ficcionalidade* da escrita. Lejeune retomou várias vezes o texto seminal sobre esse conceito pela necessidade de aprofundamento proveniente das críticas que lhe foram dirigidas¹. Como visto, o *pacto autobiográfico* de Goethe se encaminhou para a *confluência* entre poesia e verdade.

Considerações em aberto

Num sentido amplo, desde as obras clássicas, mitológicas, religiosas e literárias verifica-se que o valor da instrução sempre esteve ligado à produção e recepção de narrativas. Porém, foi Dilthey (2010) que elevou a autobiografia ao patamar de uma fonte fundamental para as ciências humanas, considerando-a como “a forma mais elevada e mais instrutiva, no qual a compreensão da vida vem ao nosso encontro” (p. 178). É importante sublinhar aqui, embora não tenha sido essa a linha da argumentação adotada no artigo, que a obra de Goethe constitui um dos mais importantes alicerces no qual Dilthey (2010) vai buscar uma fundamentação sólida para sua proposta de fundação das ciências humanas com base na reflexividade autobiográfica como parâmetro para entender a natureza do humano. É o que se pode constatar nos estudos específicos dedicados a ele por Dilthey e as inúmeras vezes que o autor retoma o pensamento de Goethe ao longo de sua obra.

Conforme discutido neste texto, a obra de Goethe, em particular os romances de formação (*Bildungsroman*), emerge na literatura como possibilidade de uma abordagem educacional pelo encontro da pessoa que lê

¹ Considerando-se o lugar da ficcionalidade em autobiografias, que em casos extremos conduz a narrativas autoficcionais, a noção de *pacto autobiográfico*, proposta por Lejeune (2014), como o próprio autor admitiu não cobre a totalidade das autobiografias como gênero literário. Constata-se a necessidade de ampliação do conceito para estudar construções intencionais em que o(a) autor(a) para confundir quem o(a) lê se insere num jogo ficcional na escrita de si, conforme sugere Lira (2018).

com a narrativa das experiências vividas pelo protagonista, o que pode ser estudado com base na noção de heterobiografização. Mas é importante lembrar que Goethe (2017 a) se opunha à ideia de que “todo livro deveria ter um propósito didático” (p. 706). Em sua opinião: “a verdadeira obra de arte não tem nenhum [propósito didático]. Ela não aprova, não condena; e se nos ilumina e instrui, ela o faz por ser capaz de engendrar as tramas e os sentimentos todos no curso de sua narrativa” (p. 706). Nesse sentido, elucida que, por decorrência da recepção de narrativas, poder-se-ia evocar o aspecto educativo da obra de arte, mas não como a de um manual didático. A relação entre Literatura e Educação é bastante prolífica e em autores como Goethe ela é perpassada pela noção de formação humana na linha da *Bildung*.

Em relação ao seu lugar nas abordagens (auto)biográficas, convém sublinhar duas conclusões provisórias. A primeira é a de que para Goethe a autobiografia não deve ser concebida tão simplesmente como uma narrativa coordenada de eventos cronologicamente vividos ao longo de uma trajetória de vida. Trata-se essencialmente de uma ação reflexiva que oferece a quem narra possibilidades de ultrapassar sentidos do senso comum sobre a experiência vivida, para se elevar acima da realidade e da significação imediata dos fatos, com vistas a um patamar de conhecimento mais elaborado. Em segundo lugar, os elementos de sua constituição são capturados pelos sentidos atribuídos por quem narra, tornando-se parte integrante de sua identidade narrativa, de tal modo que as experiências vividas se tornam experiências constitutivas do si mesmo e do sentido atribuídos aos acontecimentos. A “verdade”, nesse sentido, não se restringe à fatualidade, mas aos sentidos atribuídos por quem narra e posteriormente por quem lê.

Em resposta ao pedido de seus amigos-leitores, Goethe escreveu uma autobiografia e não a apresentação biográfica de uma suposta coerência da totalidade de sua obra para dirimir dúvidas sobre ela e de que se tratava de um único autor e não de vários autores como lhe tinha sido (supostamente) solicitado por meio da carta e que teria ensejado a escrita de sua autobiografia. Em sua ótica, essa seria a tarefa de um biógrafo. O seu livro *De minha vida: poesia e verdade* é uma obra clássica para o paradigma *narrativo-(auto)biográfico em educação*. Trata-se de um modelo canônico em que a

autobiografização se evidencia como um processo de autonomia autoral, como uma articulação entre os diferentes *selves* constitutivos do humano, mas também como uma explicitação da multiplicidade do si mesmo de um ponto de vista sincrônico e diacrônico, um entrelaçamento possível e desejável entre *poesia* (arte, imaginação, emoção) e *verdade* (história, razão, elevação da consciência acima do senso comum). São esses os processos que se realizam mediante o trabalho de *autobiografização* no campo das significações e das experiências vividas em movimento, transformadas em experiências narradas como base para a formação do si mesmo e dos outros.

Bruner (1997), em *Atos de Significação*, afirma que as narrativas são elaboradas para justificar aos outros e a si mesmo ações realizadas no mundo da vida e interpretações a elas atribuídas. Não seria esse o propósito subjacente ao livro autobiográfico de Goethe? Sendo aceitável a proposta, *De minha vida: poesia e verdade* pode se ler como uma longa justificativa para a multiplicidade de razões, de metamorfoses identitárias, no sentido de uma ontologia de contradições intrínsecas e paradoxais do ser, mas também de uma busca permanente de autoconsciência pelo exercício da reflexividade narrativa como processo mediador para se elevar acima da imediatez da experiência vivida para uma verdade mais elevada?

Por fim, a dimensão da autobiografia como arte e história, que se eleva acima da “verdade rasteira”, é uma das apostas das abordagens biográficas, na qual se assenta suas perspectivas epistemopolítica e emancipatória para as quais as contribuições da obra de Goethe são inesgotáveis.

Referências

AZENHA JUNIOR, João. Goethe e a tradução: a construção da identidade na dinâmica da diferença. *Literatura e Sociedade*, v. 11, n. 9, p. 44-59, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i9p44-59>. Acesso em: abr. 2020.

AZEVEDO, Luciene. Autoficção e literatura contemporânea. In: VIOLA, A. F. (Org.) *Crítica literária contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. p. 143-163.

BENJAMIN, Walter. *Ensaaios reunidos sobre Goethe*. São Paulo: Editora 34, 2009.

BROWN, Jane K. *Goethe's Allegories of Identity*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2014.

BRUNER, Jerome. *Atos de Significação*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

BRUNER, Jerome. *Fabricando histórias: direito, literatura e vida*. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

CARPEAUX, Otto Maria. *A História concisa da Literatura alemã*. S.l.: Faro Editorial, 2013. (Edição do Kindle).

DELORY-MOMBERGER, Christine (Org.). *Vocabulaire des histoires de vie et de recherche biographique*, Toulouse: Érès, 2019.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *As histórias de vida: da invenção de si ao projeto de formação*. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: EDUNEB, 2014.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e educação*. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 1988.

DILTHEY, Wilhelm. *A Construção do Mundo Histórico nas Ciências Sociais*. São Paulo: editora da UNESP, 2010.

DILTHEY, Wilhelm. *Introdução às Ciências Humanas: tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

EAKIN, Paul John. *Fictions in autobiography: studies in the art of self-invention*. Princeton: Princeton University Press, 1988.

ECKERMANN, Johann Peter. *Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida 1823-1832*. São Paulo: Editora da UNESP, 2016.

GALLE, Helmut. *De minha vida: Poesia e verdade – sobre a literalidade da autobiografia de Goethe*. *Estudos Avançados*, v. 33, n. 96, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/161295>. Acesso em: ago. 2020.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *De Minha Vida: poesia e verdade*. São Paulo: editora da UNESP, 2017a.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Viagem à Itália*. São Paulo: editora da UNESP, 2017b.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Fausto*. São Paulo: Martin Claret, 2016.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*, 2. ed. São Paulo: editora 34, 2009.

GUSDORF, Georges. *Condiciones y Limites de la autobiografía*. Suplemento Anthropos. n. 29, 1991. Disponível em: <https://ayciiunr.files.wordpress.com/2019/08/gusdorf-george-condiciones-y-lc3admites-de-la-autobiografc3ada.pdf> Acesso em: jun. 2020.

HEISE, E. Fausto: a busca pelo absoluto. *Cult*. São Paulo, v. 1, p. 57-60, 2008. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/fausto-a-busca-pelo-absoluto/> Acesso em: 1 jul. 2020.

JAEGER, Michael. Uma confissão em fragmentos: Goethe, Fausto e o peregrino. *Estudos Avançados*, v. 33, n. 96, p. 277-300, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/161296>. Acesso em: jan. 2021.

KAUFMANN, Walter. *Goethe, Kant and Hegel: discovering the mind*. New York: Mc Graw Hill, 2002. (vol. 1)

KOSELLECK, Reinhart. *Histórias de conceitos: estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social*. Trad. Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020. (Edição do Kindle).

LIRA, André Augusto Diniz; PASSEGGI, Maria. Aprendizagens do “tornar-se”, das experiências formadoras e da visibilidade: aproximações entre autobiografias e educação. *Educar em revista*, v. 37, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/5VYWN6BvgZcC5FWPgscT8jC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: ago. 2021.

MAAS, Wilma Patrícia. *O Cânone Mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.

MANN, Thomas. *Goethe como representante da era burguesa*. Rio de Janeiro: Expresso Zahar, 2012. (Edição do Kindle).

MAZZARI, Marcos Vinícius; MARKS, Maria Cecília. (Org.) *Romance de Formação: caminhos e descaminhos do herói*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2020.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Enfoques narrativos em la investigación educativa brasileña. *Revista Paradigma*. v. XLI, p. 57-79, jun, 2020. Disponível em: <http://revistaparadigma.online/ojs/index.php/paradigma/article/view/929> Acesso em: jun. 2021.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. *Revista Práxis Educacional*. v. 17, n. 44, p. 1-21, jan/mar.

2021. Disponível em: https://redib.org/Record/oai_articulo3061383-reflexividade-narrativa-e-poder-autotransformador. Acesso em: abr. 2021.

PASSEGGI, M. y SOUZA, E. C. (2017). O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional. *Investigación Cualitativa*, 2(1) p. 6-26. Disponível em: <https://www.investigacioncualitativa.com/index.php/revista/article/download/46/27>. Acesso em: outubro de 2021.

PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. *As histórias de vida*. Trad. Carlos Braga e Maria Passeggi, Natal: Edufern, 2012.

PIKKARAINEN, Eetu. Signo of Reality – the idea of general Bildung by J. A. Comenius. In: SILJANDER, Pauli. et al. *Theories of Bildung and Growth: connections and controversies between continental education and american pragmatism*. Rotterdam: Sense Publishers, 2012. p. 19-30.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa: o tempo narrado*. São Paulo Martins Fontes, 2012.

SILJANDER, Pauli.; SUTINEN, Ari. Introduction. In: SILJANDER, Pauli. et al. *Theories of Bildung and Growth: connections and controversies between continental education and american pragmatism*. Rotterdam: Sense Publishers, 2012. p. 1-19.

Recebido em 29 de julho de 2020.

Aceito em 30 de outubro de 2020.